

PORTUGUÊS BRASILEIRO: NOVA GRAMÁTICA

José Carlos de Azeredo
(UERJ/CNPq)

CASTILHO, Ataliba Teixeira de.
Nova Gramática do Português Brasileiro. São Paulo:
FAPESP/Editora Contexto, 2010. 768 p.

A história da pesquisa da variedade culta do português falado no Brasil se confunde com a trajetória acadêmica do Prof. Ataliba Teixeira de Castilho. Devemos-lhe a coordenação geral do *Projeto de Gramática do Português Falado* (1988), concebido em função da “necessidade de se proceder a uma descrição cuidadosa do Português do Brasil”. Analisando *corpora* do Projeto NURC (Norma Urbana Linguística Culta), com foco nos aspectos textuais, sintáticos, morfológicos, fonológicos e lexicais do português falado por brasileiros cultos em cinco grandes capitais, linguistas de várias regiões do Brasil produziram estudos que ocupam quase 4000 páginas de oito volumes da *Gramática do Português Falado*. A este trabalho monumental seguiram-se outros dois grandes projetos com ativa participação do Prof. Ataliba de Castilho: *Para a história do português brasileiro* e *Gramática do português culto falado no Brasil*, obra em cinco volumes, dos quais se publicaram três até o momento. Foi com este currículo que Ataliba de Castilho se lançou à elaboração de sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, lançada em abril do ano corrente pela Editora Contexto. Segundo palavras do autor, sua obra “não é uma gramática-lista, cheia de classificações, em que não se vê a língua, mas uma gramática. Em lugar disso, procuro olhar o que se esconde por trás das classificações, identificando os processos criativos do português brasileiro.” (p. 31)

É seguramente uma proposta ambiciosa, que todos os que nos dedicamos ao estudo da língua portuguesa desejamos ver plenamente realizada. Ainda nesse texto introdutório, Ataliba de Castilho faz reparos ao perfil das gramáticas tradicionais, identificando os processos criativos do português brasileiro. Editora Contexto. m ativa participaç, invariavelmente centradas na língua literária. “Também aqui” – adverte o autor – “esta gramática tomou outro rumo.” O complemento a esta

ponderação é esclarecedor: “...não acho que os escritores trabalham para nos abastecer de regras gramaticais. Eles exploram ao máximo as potencialidades da língua, segundo um projeto estético próprio. Ora, as regularidades que as gramáticas identificam devem fundamentar-se no uso comum da língua, quando conversamos, quando lemos jornais, como cidadãos de uma democracia. Isso não exclui a fruição das obras literárias, mas é uma completa inversão de propósitos fundamentar-nos nelas para descrever uma língua.” (p. 32). Esta passagem da Introdução nos dá uma pista de algumas fontes em que se deve surpreender o “uso comum da língua”, objeto ideal da gramática genuína: a conversação e o jornal, por exemplo. Mas nunca a língua literária, porque a literatura é um domínio privilegiado de experimentações estéticas e, conseqüentemente, peculiares a um dado autor.

A obra é constituída de quinze capítulos amplos, distribuídos, segundo me parece, em três seções: a primeira é formada pelos quatro capítulos iniciais, que fornecem informações históricas, teórico-conceituais e metodológicas; a segunda compreende os capítulos de número 5 a 14, que oferecem uma análise detalhada do funcionamento da língua, percorrendo o texto, a sentença e as diversas espécies de sintagmas; a terceira seção, formada pelo último capítulo, constitui uma novidade em obras do gênero: o autor explora, em abordagem muito pessoal, o lugar da reflexão gramatical na formação profissional dos que estudam e/ou ensinam a língua e abre um generoso e instigante leque de possibilidades de pesquisa na área desses profissionais.

Esta gramática tem tudo para reacender, em outro patamar, o debate sobre o perfil e o papel das gramáticas escolares como instrumento da formação de uma consciência sobre a língua que falamos e como proposta de reflexão gramatical nos programas de ensino do português como língua materna dos brasileiros.